

# BIBLOS

---

*Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*

## 4 REFÚGIOS

NÚMERO 4, 2018  
3.ª SÉRIE

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

# BIBLOS

---

*Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*

NÚMERO 4, 2018  
3.ª SÉRIE

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

DIRETOR

José Pedro Paiva | lepaiva@fl.uc.pt  
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

---

DIREÇÃO EXECUTIVA

COORDENADORA:

Rita Marnoto | rmarnoto@fl.uc.pt  
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

ADJUNTOS:

António Campar de Almeida | campar@ci.uc.pt  
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Isabel Mota | ifmota@fl.uc.pt

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Beatriz Marques | beatrizmarques@ci.uc.pt

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

SECRETÁRIA:

Maria Manuel Almeida | bliblos.fluc@fl.uc.pt  
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

---

CONSELHO CIENTÍFICO

Abel Barros Baptista | abelbb2@gmail.com  
Universidade Nova de Lisboa

Agustín Serrano de Haro | agustin.serrano@cchs.csic.es  
Universidade Complutense de Madrid

Albano Figueiredo | afigueiredo@fl.uc.pt  
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Ana Gabriela Macedo | gabrielam@ilch.uminho.pt  
Universidade do Minho

António Manuel Martins | amm.fluc@gmail.com  
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

António Martins da Silva | ams@ci.uc.pt  
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

António Sousa Ribeiro | asr@ces.uc.pt  
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Ataliba Teixeira de Castilho | ataliba@uol.com.br  
Universidade de São Paulo

Carlos Reis | c.a.reis@mail.telepac.pt  
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Christian Möckel | MoeckelC@philosophie.hu-berlin.de  
Universidade Humboldt de Berlim

Diederik Meijer | d.j.w.meijer@arch.leidenuniv.nl  
Universidade de Leiden

Domingo González Lopo | domingoluis.gonzalez@usc.es  
Universidade de Santiago de Compostela

Eliás Sanz Casado | elias@bib.uc3m.es  
Universidade Carlos III de Madrid

Étienne Nel | etienne.nel@otago.ac.nz  
Universidade de Otago

Fátima Velez de Castro | velezcastro@fl.uc.pt  
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Fernanda Delgado Cravidão | cravidao@fl.uc.pt  
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Fernando José de Almeida Catroga | fcatroga@hotmail.com  
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Francisco Javier Pizarro Gómez | jpizarro@unex.es  
Universidade de Extremadura, Cáceres

Francisco Oliveira | foliveir@fl.uc.pt  
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Gilles Gauthier | gilles.gauthier@com.ulaval.ca  
Universidade do Québec, Montréal

Gustavo Cardoso | gustavo.leitao.cardoso@gmail.com  
Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa –  
Instituto Universitário de Lisboa

Isabel Vargues | ivargues@fl.uc.pt  
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

João Lima de Sant'Anna Neto | jlsn57@uol.com.br  
Universidade Estadual Paulista

Jordi Tresseras | gestiocultural@ub.edu  
Universidade de Barcelona

Jorge de Alarcão | jorge.alarcao@gmail.com  
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

José Antonio Frías | frias@usal.es  
Universidade de Salamanca

José Augusto Cardoso Bernardes | agosto@ci.uc.pt  
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

José Augusto Guimarães | guima@marilia.unesp.br  
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"

Lucinda Fonseca | fonseca-maria@campus.ul.pt  
Universidade de Lisboa

Lúcio Sobral da Cunha | luciogeo@ci.uc.pt  
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Lúisa Trindade | trindade.luisa@gmail.com  
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Marc Lits | marc.lits@uclouvain.be  
Universidade Católica de Louvain

Márcio Moraes Valença | marciovalenca10@gmail.com  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Maria da Graça Simões | gsimoes@uc.pt  
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Maria del Carmen Paredes | paredes@usal.es  
Universidade de Salamanca

Maria Helena da Cruz Coelho | coelhomb@gmail.com  
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Miguel Bandeira | bandeira@ics.uminho.pt  
Universidade do Minho

Pavel Szobi | pavel.szobi@vse.cz  
Universidade de Economia de Praga

Pedro Aullón de Haro | p.aullondeharo@gmail.com  
Universidade de Alicante

Peter Andersen | peter.andersen@uib.no  
Universidade de Bergen

Roberto Gigliucci | roberto.gigliucci@uniroma1.it  
Universidade de Roma, La Sapienza

Rui Pedro Julião | rpj@fcsb.unl.pt  
Universidade Nova de Lisboa

Soterraña Aguirre Rincón | sote.aguirre@gmail.com  
Universidade de Valladolid

Teresa Seruya | t.seruya@letras.ulisboa.pt  
Universidade de Lisboa

Thomas Earle | thomas.earle@mod-langs.ox.ac.uk  
St. Peter's College, Oxford

Viriato Soromenho Marques | viriatosmarques@netcabo.pt  
Universidade de Lisboa

Vitor Oliveira Jorge | vojorge@clix.pt  
Universidade do Porto

---

REVISÃO DE INGLÊS

Phillippa Bennett, Rosa Bandeirinha

---

REVISÃO DE PROVAS

Maria Manuel Almeida

# BIBLOS

---

*Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*

## 4 REFÚGIOS

NÚMERO 4, 2018  
3.ª SÉRIE

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra  
Rua da Ilha, 1 - 3000-214 Coimbra  
Email: imprensa@uc.pt  
URL: [http://www.uc.pt/imprensa\\_uc](http://www.uc.pt/imprensa_uc)  
Vendas online: <http://livrariadaimprensa.uc.pt>

DESIGN

Carlos Costa

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Simões & Linhares, Ld.ª,  
Rua do Fetal, Lote 5 Coimbra - 3020-923 Torre de Vilela

ISSN

0870-4112

ISBN Digital

2183-7139

DOI

[https://doi.org/10.14195/0870-4112\\_3-4](https://doi.org/10.14195/0870-4112_3-4)

DEPÓSITO LEGAL

1401/82

PERIODICIDADE Anual • TIRAGEM 200 ex.

**Biblos.** *Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra* está indexada no European Reference Index for the Humanities (ERIH Plus).

<HTTPS://IMPACTUM.UC.PT/EN/CONTENT/REVISTA?TID=28707&ID=28707>

<HTTP://WWW.UC.PT/FLUC/INVESTIGACAO/BIBLOS>

---

© JULHO, 2018

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

---

PROPRIEDADE • CONTACTOS • SEDE DE REDAÇÃO

**Biblos.** *Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*

Gabinete de Comunicação e Imagem. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Largo da Porta Férrea • 3004-530 Coimbra (Portugal)

Telef. 239 859984 • [biblos.fluc@fl.uc.pt](mailto:biblos.fluc@fl.uc.pt)

# SUMÁRIO

<b><i>Refúgios</i></b> .....	9
O espaço-tempo do refúgio forçado: os aldeamentos coloniais na formação do estado? .....	13
<i>Tiago Castela</i>	
A casa- <i>atelier</i> de António Teixeira Lopes: um microcosmo oitocentista. ....	31
<i>Marta Barbosa Ribeiro, Joana Brites</i>	
Nos escombros do real. A ficção como estratégia evasiva (na própria ficção): memória, imaginação e realidade no romance distópico de Margaret Atwood <i>The Handmaid's Tale</i> (1985). ....	61
<i>Ricardo Afonso Mangerona</i>	
Rifugi del bene. Rifugi del male. Il tentativo di salvezza di Anna Maria Ortese . . . .	83
<i>Angela Bubba</i>	
Refúgios dos afro-americanos cartografados na obra <i>Between the World and Me</i> de autoria de Ta-Nehisi Coates .....	99
<i>Luís Carlos S. Branco</i>	
Do refúgio nos picos da ilha de São Tomé à absorção colonial: a questão dos angolares .....	123
<i>Arlindo Manuel Caldeira</i>	
<b><i>Cruzamentos</i></b>	
Refúgios dos refúgios. ....	151
<i>Adriana Calcanhotto</i>	

***Entrevista***

Não podemos apoiar as vítimas e simultaneamente alimentar as guerras . . . . . 157

*Teresa Tito de Moraes*

***Recensões***

Ferrara, Sabina. La parola dell'esilio. Autore e lettore nelle opere di Dante in esilio. . . 173

*Rita Marnoto*

Kingsley, Patrick. A nova odisseia. A história da crise europeia dos refugiados . . . . 177

*Fatima Velez de Castro*

Daniela Rigato. Gli dei che guariscono. Asclepio e gli altri. . . . . 181

*José d'Encarnação*

***Próximo número***

Falsificações. . . . . 187

# 4

## REFÚGIOS



# REFÚGIOS

Este 4.º número da 3.ª série de *Biblos. Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra* reúne um conjunto de contributos dedicado ao tema do refúgio. Ímpeto de fuga desencadeado por uma ameaça iminente, o refúgio, ao instigar a procura de segurança, leva à demanda de um outro tempo ou de um outro lugar, susceptíveis de oferecerem acolhimento e abrigo, desencadeando, da mesma feita, a oportunidade de reconstrução de novas esferas. Perante a imensidão de mundos e perspectivas implicados pelo conceito, optou-se, pois, pela declinação no plural — refúgios.

À secção inicial de artigos, acrescentam-se as reflexões, em âmbito criativo, de Adriana Calcanhotto, bem como a entrevista, conduzida por José Manuel Pureza, a Teresa Tito de Moraes, Presidente do Conselho para os Refugiados. Assim se cruzam domínios que vão das ciências sociais à literatura, à história das migrações, à história da arte ou à arquitetura, em correspondência com o perfil interdisciplinar desta 3.ª série de *Biblos*.

A abrir o volume, o artigo “O espaço-tempo do refúgio forçado: os Aldeamentos coloniais na formação do estado?”, de Tiago Castela, incide sobre os espaços de deslocação coagida, criados em África na última década de governação colonial portuguesa. Ao perspetivar a investigação acerca dos circuitos do refúgio, em contexto europeu, que na atualidade é desenvolvida no campo das ciências sociais e das humanidades, o autor do artigo não deixa de evidenciar uma propensão hegemónica que poderá vir a ser calibrada por um melhor conhecimento do espaço social do refúgio. Passa então a analisar criticamente a abordagem que desse assunto tem vindo a ser elaborada no campo da história da arquitetura, da antropologia urbana e da fenomenologia, propondo-se para esse efeito recuperar o filão, inspirado pela obra de Bachelard, que incide sobre a experiência da habitação, com vista ao estudo da dimensão arquitetónica e urbanística da colonialidade espacial. Posto isto, é descrito o processo que levou à construção desses aldeamentos, bem como a implantação no terreno e a tipologia de uma forma de alojamento opressiva, da qual as fugas eram frequentes.

Por sua vez, a casa-*atelier* onde António Teixeira Lopes viveu, trabalhou e recebeu aquelas pessoas com quem mais de perto convivia é estudada nos seus aspetos formais e iconográficos por Marta Barbosa Ribeiro e Joana Brites em “A casa-*atelier* de António Teixeira Lopes: um microcosmo oitocentista”. As autoras começam por contextualizar o assunto da casa-*atelier*, evocando um percurso histórico que confere crescente protagonismo ao espaço privado do artista, em correlação com a atração exercida sobre os apreciadores do seu labor e com o desenvolvimento de uma interação fruto da qual o refúgio privado se vai transformando em local de convívio e em ocasião para a projeção da própria imagem de quem nele trabalha. Depois de passarem à apresentação do enquadramento familiar e da formação eclética de António Teixeira Lopes, esclarecem o grau de intervenção do escultor no projeto e na construção do seu *atelier* de Vila Nova de Gaia, mostrando como aquele que era o refúgio de um temperamento solitário se encontrava igualmente vinculado a uma dimensão pública. Posto isto, são colocados em evidência os vários elementos construtivos e decorativos do exterior e do interior do edificado, explicitando a sua matriz neo-historicista, que é decodificada em chave nacionalista, admitindo uma possível simbologia espiritual, esotérica e maçónica.

O artigo “A ficção como estratégia evasiva (na própria ficção): memória, imaginação e realidade no romance distópico de Margaret Atwood *The Handmaid’s Tale* (1985)”, de Ricardo Afonso Mangerona, inscreve-se no âmbito da literatura canadiana contemporânea. O autor estrutura a sua análise a partir da conceptualização de Paul Ricoeur, segundo a qual o disfórico, ao ser recoberto pela ficção, se pode converter em refúgio, tendo em linha de conta, neste caso, a vinculação à brutalidade do real em ato. Com efeito, *The Handmaid’s Tale* convoca os grandes problemas de ordem ambiental, social e de género que estão na origem da atual crise. Reduto que permite à protagonista desafogar as penas decorrentes da situação de submissão em que vive, são por excelência as suas divagações noturnas. Assim vai sendo acompanhada a evolução que se processa ao longo dos sete capítulos em análise, mostrando como uma situação de opressão ostensiva vai catalisando libertação e dormência. A figura de sombra que percorre o artigo, D. Quixote, bem evidencia o papel que nesse processo cabe à ficcionalização, entre fantasia, demência e pura verdade das ideias.

Passando ao campo da literatura italiana, “Rifugi del bene. Rifugi del male. Il tentativo di salvezza di Anna Maria Ortese”, de Angela Bubba, inicia-se com algumas reflexões sobre o fascínio, o caráter ilusório ou as virtualidades consolatórias de uma arte que oferece abrigo pelas feridas que ela própria inculca. O solipsismo e o afastamento dos canais mediáticos foram para Anna Maria Ortese uma opção onde se reflete a dificuldade, que tem vindo a ser manifestada pela crítica, na sua inserção em movimentos literários específicos. Posto isto, a autora do artigo mostra como a temática do refúgio é forma de aprofundar uma condição de sofrimento em que se avolumam dramas de várias ordens. Tal como o animal assustado ou o nativo oprimido que protagonizam as suas obras, também a escritora se procura abrigar do mundo, criando um refúgio acolhedor, quer humano, quer metafísico, que se contrapõe ao refúgio do mal que é a vida à face da planeta. Da mesma feita, é um modo de repensar o real a partir da sua posição de observadora privilegiada.

Quanto ao artigo seguinte, “Refúgios dos afro-americanos cartografados na obra *Between the World and Me* de autoria de Ta-Nehisi Coates”, de Luís Carlos S. Branco, é dedicado à forma como, nesse livro, o escritor e jornalista afro-americano expõe a discriminação racial de que foi alvo e a consequente experiência de refúgio. Começam por ser apresentadas as circunstâncias que serviram de fulcro à obra, ou seja, os recentes casos de alvejamento erróneo e até a morte de vários afro-americanos inocentes, com relevo para o assassinio de um amigo de longa data de Coates. Tratando-se de uma obra escrita sob a forma de carta ao filho, o autor do artigo dimensiona uma função formativa que se enquadra na tipologia do *Bildungsroman*. Os espaços de refúgio cartografados são múltiplos, do quarto onde o filho se isola para desafogar a sua dor, aos grupos universitários que defendem os direitos das populações afro-americanas, aos bairros sociais de Baltimore ou aos condomínios fechados e às zonas de luxo de várias cidades. A estes abrigos um outro se acrescenta, a própria escrita, que permite a Ta-Nehisi Coates questionar a opressão a que, ao longo da sua biografia, se viu sujeito.

Completa a secção de artigos o contributo, “Do refúgio nos picos da ilha de São Tomé à absorção colonial: a questão dos angolares”, de Arlindo Manuel Caldeira, dedicado às populações que em tempos ancestrais se refugiaram nos

picos da ilha de São Tomé, os angolares, e à sua posterior integração na sociedade santomense. A análise da cronologia e das circunstâncias em que ocorreu esse movimento de escravos leva à aferição de quanto de plausível e de arbitrário há nas diversas fontes que o documentam e o transmitem. Com efeito, a fuga aos engenhos de açúcar e as rebeliões de escravos foram, até ao século XVIII, uma constante da história de São Tomé, apesar de as condições de sobrevivência e de subsistência na zona montanhosa da ilha serem inóspitas. O autor do artigo passa então a considerar o modo como, a partir de inícios do século XIX, foi operada a integração e a aculturação dessas populações, inicialmente através de acordos que desembocaram em novas rebeliões, domadas com violência, e numa fase mais avançada com recurso à evangelização. A consequente dispersão dos angolares por diversas zonas da ilha de São Tomé não impede que, ainda hoje, os seus hábitos de vida os continuem a identificar como tal.

Completam o número uma secção de recensões e o convite à participação no próximo volume de *Biblos*.

*Rita Marnoto*

*Coordenadora da Direção Executiva*

## *Recensões*



FERRARA, SABINA (2016).

*La parola dell'esilio. Autore e lettore  
nelle opere di Dante in esilio.*

Firenze: Franco Cesati, 364 p.

A lista de escritores cuja biografia se desenrola por entre as contingências do exílio é infinda. Este livro é dedicado ao sistema de comunicação que enforma a obra de um exilado mais que célebre, Dante Alighieri.

A partir de 1295, a participação de Dante no governo comunal de Florença foi-se mostrando cada vez mais empenhada. Alinhado com os *guelfi bianchi* e firme defensor de uma política de autonomia em relação ao papado, assumiu em 1300 as altas funções de *Priore*. Contudo, quando no ano seguinte se encontrava em Roma, como membro da missão enviada a Bonifácio VIII para conversações acerca da delicada situação de Florença, ameaçada pelas tropas de Carlos de Valois, recebeu a notícia de que o exército francês tinha invadido a cidade, entregando o seu governo à facção dos *guelfi neri*. Contava então cerca de 36 anos. Condenado à revelia, nunca mais haveria de voltar à sua cidade, levado por uma deambulação a que só o seu último suspiro pôs fim.

A ameaça ingente que a partir de 1301 sobre si continuamente impendeu, no metamorfismo das suas manifestações alentou um inconformismo radicado quer no jugo a que viu Florença submetida, quer na revolta perante a irresolubilidade do seu estatuto. Apesar de a sua presença ser disputada pelos grandes senhores de toda a Itália, era afinal um refugiado que viu sucessivamente negada a satisfação do vivo anseio de regressar à sua cidade.

Por conseguinte, foi no exílio que escreveu uma parte conspícua da sua obra. Aliás, os circuitos através dos quais a respectiva transmissão se processou, em termos imediatos, situavam-se fora de Florença, o que em muito potenciou o seu extraordinário eco. Também através dela foi moldando a sua condição existencial, bem como, e muito particularmente, a imagem de si mesmo que pretendia projectar sobre os seus leitores, desfrutando as modalidades do sis-

tema de comunicação que sustinha a pragmática dessa relação de alteridade. É esta a questão crítica colocada no cerne do ensaio de Sabina Ferrara *La parola dell'esilio. Autore e lettore nelle opere di Dante in esilio*.

Trata-se de uma matéria que, como é exposto na sua introdução, já foi explorada por vários trabalhos, muitos deles dedicados à *Commedia*. Nesse sentido, a estudiosa reenvia para uma galeria de ilustres críticos, dos quais se destacam, entre outros, Giuseppe Petronio, Marco Santagata, Maria Picchio Simonelli ou Mirko Tavoni. Desta feita, é seu objectivo elaborar uma abordagem de conjunto que incida sobre a totalidade da produção de Dante cronologicamente posterior a 1301, sem cedências a uma separação esquemática entre um *ante* e um *post* exílio. O sistema de comunicação literário inerente a essa produção não é considerado em função de um público genérico, mas em função daqueles leitores pertencentes a um círculo próximo de Dante, ao encontro dos quais mais deliberadamente se movia. São pois as modalidades de organização da estrutura textual a serem indagadas, a fim de descortinar como esperava fosse lida uma mensagem que sustinha a sua própria fundamentação como autor. Nesse sentido, vão sendo analisadas as características específicas do modelo comunicativo que liga emissor e receptor nas sucessivas obras compostas no exílio.

A crítica dantesca tem vindo a dispensar uma atenção crescente à questão da autoridade. Os termos em que Dante sustém a afirmação, quando não a reivindicação, do seu estatuto como autor, surpreende pelos seus contornos modernos. A esse propósito, nunca será demais sublinhar, em particular para o público português, que Dante é um autor medieval. De resto, como Sabrina Ferrara bem o esclarece, na reconstrução existencial que de si opera, o escritor continua a servir-se de categorias medievais, na medida em que a experiência do indivíduo é enquadrada num movimento piramidal cuja geometria conflui rigorosamente no vértice da divindade.

Ao terreno abarcado por este ensaio crítico não falta nem complexidade, nem subtileza, entre as mensagens que o escritor pretende fazer passar e os vários momentos da situação política e da experiência pessoal em causa, entre destinatários incluídos, excluídos e até não-destinatários ou entre a diversidade de géneros e de modalidades métricas, prosásticas, linguísticas e estilísticas que se alinham no horizonte das suas opções. Continuam também a apresentar

desafios ingentes, no plano da crítica textual e do cânone, textos como a carta a Cangrande della Scala e a *Questio de aqua et terra*, verdadeiras *cruces* dos estudos dantescos.

Da incisividade dos resultados da pesquisa levada a cabo, podem-se destacar os relativos às epístolas latinas em prosa, que são 13, abrangendo um arco temporal bastante amplo. Tendo como destinatários algumas personalidades que decisivamente marcaram a política contemporânea, prevêem uma leitura que se estende a círculos mais alargados.

A I, dirigida ao cardeal Niccolò da Prato, legado papal em Florença para conversações de paz, lança as bases de um sistema de comunicação apostado em projectar a exemplaridade moral de quem escreve. Na II, as condolências aos condes di Romena pela morte de seu tio oferecem a Dante ocasião para construir a cristalina imagem do «exul inmeritus», através de formulações interdiscursivas que convocam o exílio sofrido por tantos grandes vultos da antiga Roma, funcionais ao impacto retórico da *captatio*. Tanto assim é que essa mesma expressão voltará a ser usada com igual eficácia nas quatro epístolas seguintes. A III epístola, muito possivelmente enviada ao poeta e jurista Cino da Pistoia, tal como a IV, a Moroello Malaspina, visam, além do mais, como bem nota Sabina Ferrara, restabelecer a comunicação com os leitores florentinos que tinham acompanhado as suas primeiras experiências literárias, de modo a instigar a sua sintonia com um exilado em vias de desbravar novos domínios do pensamento, e que então se dedicava ao *Convivio* e ao *De vulgari eloquentia*, o primeiro tratado dedicado a uma língua românica. Por sua vez, as epístolas V, VI e VII são dirigidas aos governantes das cidades italianas, aos florentinos e ao imperador Henrique VII, respectivamente. Tocam essencialmente assuntos de estratégia, modelando e elevando a guia político a imagem de quem escreve, num momento em que Dante estava a escrever um tratado sobre os fundamentos e o exercício do poder, a *Monarchia*, e ia trabalhando os versos do *Inferno*. Por sua vez, para a autora deste ensaio, as três breves epístolas que sucessivamente endereça a uma mulher influente, Margarida di Brabante, dão-lhe ocasião de sublinhar a ordem divina do universo e de preparar a imagem que de si vai construindo como mediador divino e «scriba Dei». Essa afirmação de autoridade atingiu um tal impacto comunicativo que Dante, na XI epístola, dirigida

aos cardeais reunidos em conclave na cidade de Avinhão depois da morte de Clemente V, toma a palavra em nome de um colectivo, para responsabilizar dois desses cardeais perante a comunidade com que se quer identificar. Com a XII epístola, deixa claro aos seus eventuais leitores a desmesura da sua desilusão e também do seu desdém, reforçando a sua autoridade como poeta. Com efeito, os tempos que se seguem serão de dedicação diuturna à *Commedia*, pelo que é sintomático que a epístola a Cangrande della Scala, que é a XIII, reserve um tão amplo e tão elaborado espaço ao leitor, erigindo-se da mesma feita numa espécie de posfácio ao poema.

Investigação levada a cabo com mão firme, *La parola dell'esilio. Autore e lettore nelle opere di Dante in esilio* colige um aparato de notas que vai discutindo algumas das questões mais prementes que se colocam à crítica dantesca e que é complementado por uma lista bibliográfica final.

RITA MARNOTO

*rmarnoto@fl.uc.pt*

*Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra  
Centre International d'Études Portugaises de Genève*